

# Humana Transparência



**Filipa Azul**

Poemas e Fotografias

**elefante**  **2020**  
editores

# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?  
Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?  
Editamos poesia desde 1997 e queremos dar o  
passo para além dos limites do papel.  
E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

# HUMANA TRANSPARÊNCIA

---





*"Se um rato morto me disser, - «eu cheiro mal por isto e por aquilo e sobretudo por que apodreci», - eu nem por isso deixo de o mandar varrer do meu quarto."*

*Eça de Queiroz  
in Correspondência de Fradique  
Mendes*

# I

---

hoje não me apetece nada de especial...  
tragam-me só um narval dourado  
um casal de unicórnios de patas verdes  
meia-dúzia de gnomos  
... mas dos carvalhos do bosque branco!  
uma sereia ruiva e muda  
um político íntegro  
umas bolachinhas de ambrósia  
e uma tacinha pequena com elixir da  
juventude.  
ah... e o jornal!  
um qualquer serve...  
estão todos cheios de notícias boas.

## II

---

agenda

dia 31 de Setembro  
sem falta  
vou mudar de atitude

### III

---

é urgente que a tecnologia evolua  
é urgente que se descubra rapidamente  
uma forma de os jornais  
a rádio  
a televisão  
a internet  
terem cheiro

...

sempre quero ver quem é que aguenta  
as primeiras páginas  
os noticiários  
os telejornais  
os directos da guerra  
sem vomitar

...

é urgente o cheiro  
para educar a náusea



## IV

---

Já nasci em muitas datas.  
Sou tão velha que inventei o tempo.  
Fi-lo de pura amnésia e espelhos tortos.

## V

---

cinzento  
ele  
o fato  
a gravata  
o ódio  
urbano-depressivo e hepático  
suicidou-se com uma overdose de ovos  
estrelados  
num domingo de chuva horizontal



## VI

---

almoço

somos cinco à mesa

quatro humanos  
e o caixote de horrores

educadamente  
falamos baixo

cumprem-se de cabeça no ar  
os rituais da cortesia  
pão?  
vinho?  
água?  
já provou a salada?  
mais um bocadinho de esparregado?

só o caixote grita

o caixote de horrores despeja-me  
do outro lado do prato,  
não sei quantas bombas  
não sei quantas crianças desaparecidas  
não sei quantas violações  
não sei quanto sangue podre

tenho nojo  
de comer à mesa  
com um caixote que vomita.

## VII

---

os cigarros vão-me fumando  
um após outro  
enquanto entretêm a insónia



## VIII

---

já passaram 3 dias  
mas os dedos ainda me cheiram  
espantosamente a frango  
já esfreguei as mãos com tudo  
até com sabonete líquido  
- essa execrável nhanha cor-de-rosa  
já te disse adeus  
literalmente  
completamente  
e tentei arejar assim as mãos  
o coração  
o fígado  
a alma  
mas este cheiro a frango nos dedos  
não passa  
nunca mais me sento contigo  
numa churrasqueira

## IX

---

querido  
o meu corpo está no armário  
entre a caixa do tédio e as tuas gravatas  
se te servires dele não te esqueças de o  
desligar  
eu fui às compras  
até logo

X

---

no café

duas pretinhas de totós de pompom

brincam com uma Barbie  
de totós plásticos e louros

esguias as três

as crianças crescem com monstros nas mãos



## XI

---

vinha bem agora uma manhã inteira  
roubada às realidades planetárias  
cheiro a café  
sumo de três laranjas  
o Sol da mesma cor  
um leve vento no cabelo  
umas sandálias libertárias a caminho da praia  
música de soltar o corpo a enrolar-se nas saias  
e uma amnésia completa de noticiários  
e outras guerras  
uma manhã longe dos olhos inquiridores dos  
famintos  
uma manhã inteira sem feridas  
sem nenhuma memória de dor  
sem nenhuma dor na memória  
uma manhã absoluta  
limpa  
feita de propósito para espreguiçar

## XII

---

querido  
comprei ontem com o teu cartão de crédito  
100 metros cúbicos de vazio transparente  
deve dar para a sala e para o <sup>intenso</sup> nosso quarto  
até logo



## XIII

---

as camas deviam ser todas estreitas  
de corpo e meio (dizem...)  
têm a medida certa enquanto dura a paixão  
e depois ficam amplas  
sem ficarem vazias demais

## XIV

---

Pus-nos a lavar hoje  
Não estávamos muito sujos  
Um bocado amarfanhados.  
Nem sequer tivemos tempo  
de perder totalmente a goma.  
Será que fizemos tudo no ar?

fax

mandem-me 3 caixas de paz de consciência  
1 palete de atitudes politicamente correctas  
e 2 onças de laissez-faire-laissez-passer

sem IVA!  
o Estado já lucra o suficiente com tanta  
resignação



## XVI

---

Na cidade dos pensamentos  
Em minha casa  
Na sala esférica  
Pendurei o quadro dos afectos.  
Estás lá.  
Na cidade dos pensamentos  
Chego à janela e vejo-te.  
Posso acenar-te  
Convidar-te para um chá de canela.  
Posso descer as escadas.  
Oferecer-te um manjerico,  
Ou salsa,  
Ou alguma erva imprevista.  
Na cidade dos pensamentos  
Andamos nas mesmas ruas  
E abraçamo-nos ao mesmo tempo  
Bebemos copos de água  
E café  
Em pequenas pastelarias cinzentas.  
Almoçamos sardinhas muitas vezes  
Ou sórdidas bifanas,  
Nas tascas que resistem.  
Na cidade dos pensamentos  
Nunca se sabe a que hora  
Vão tocar os sinos  
Ou saltam os cantos das mesquitas.  
A que hora entramos nas mesmas lojas  
Em busca de coisas miúdas,  
De cheiros ou de cores.  
Na cidade dos pensamentos  
Vou a tua casa  
E bebo o teu vinho  
E o teu café



Dás-me petiscos e sangrias  
Risos novos que inventas na altura  
Levas-me à janela.  
Há fogo de artifício.

## XVII

---

Esta manhã acordámos  
matematicamente separados  
Um e um  
Não dois  
Toda a noite te ouvi respirar  
Não sei se dormias  
Eu amassava insónias com lágrimas  
Silenciosamente  
Fique já escrito que eu fico com os  
Tupperwares todos  
O vazio também é meu  
E vou precisar de muitas caixas para o guardar

## XVIII

---

Escrevo longas cartas mentais  
Para ninguém  
Nenhumas mãos vêm proteger os meus seios

## XIX

---

Como é que sendo tão míope  
te tenho tão nítido na memória?

XX

---

Desastrada!  
Tinha logo de partir a minha própria fragilidade!



# ÍNDICE

I	6
II	7
III	8
IV	9
V	10
VI	11
VII	12
VIII	14
IX	15
X	16
XI	17
XII	18
XIII	20
XIV	21
XV	22
XVI	24
XVII	26
XVIII	27
XIX	28
XX	29
ÍNDICE	31

Colecção

# digit@lmente

*Título:* **HUMANA TRANSPARÊNCIA**

*Autor:* **FILIPA AZUL**

*Fotografias:* **FILIPA AZUL**

*Edição Em Formato Livro:* **Outubro de 2007**

*Edição Em Formato Digital:* **Junho de 2020**

Em 2020, a Colecção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

*Design:* **MAIS LIVROS**

© **Autora e Elefante Editores**  
para esta edição digital

*Contactos:*

**Apartado 720**  
**4501-901 Espinho**  
**PORTUGAL**

**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**www.elefante-editores.net**

Editores de Poesia desde 1997